

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 10 DE AGOSTO DE 2000

*Senhores Ministros de Estado aqui presentes, Senhores Parlamentares,
Agraciados, Senhoras e Senhores,*

É uma grande satisfação poder, esta tarde, impor-lhes algumas condecorações da Ordem do Mérito Científico, especialmente neste momento em que estamos nos preparando, aqui no Brasil, para dar um salto qualitativo, um impulso grande em todo o nosso setor de pesquisa, de ciência e de tecnologia.

O Ministro Ronaldo Sardenberg tem se mostrado muito ativo e muito construtivo. Estamos conseguindo reorganizar os mecanismos governamentais de apoio e de incentivo à ciência e à pesquisa, de uma maneira que estará, espero, à altura da comemoração do cinquentenário do Conselho Nacional de Pesquisas – CNPq.

É muito importante recordar que o CNPq foi fundado em 1951, época muito próxima àquela em que, também, os grandes órgãos dos Estados Unidos e da França, de incentivo à ciência, se formaram. A National Science Foundation deve ter sido em 1951, da mesma maneira que o Centre National de la Recherche Scientifique, na França.

Isso mostra que o Brasil estava atento à importância do desenvolvimento científico e tecnológico. E, apesar de todas as dificuldades, que são notórias, nesses últimos cinquenta anos e, também, de momentos de realização, que não foram poucos, do nosso país, a verdade é que foi possível manter uma comunidade científica ativa, no Brasil.

Graças a essa atividade, e graças aos esforços que hoje são, eu diria, generalizados, no País, das universidades, dos laboratórios e, agora, das empresas, com o apoio de governos estaduais, com o apoio do Governo Federal, dispomos, efetivamente, de uma rede que se integra crescentemente.

Há poucos dias, lendo sobre a formação da Fapesp, em São Paulo – tive a satisfação também de, então bastante jovem ainda, poder participar da Fundação da Fapesp em São Paulo – pude verificar o quanto essa organização serviu à comunidade científica paulista.

Pois bem, agora, no exercício das atuais funções, acompanho mais de perto o que ocorre no CNPq, no Ministério de Ciência e Tecnologia, no Ministério da Educação, nas universidades federais. E vê-se que, efetivamente, a despeito de um certo ceticismo que, infelizmente – eu não diria que nos é próprio, porque de mim não é próprio – mas que, de qualquer maneira, muitas vezes toma conta, como uma poeira que impede a nós próprios, brasileiros, de vermos o que se faz, apesar disso, as realizações são muito marcantes.

Recebi o último número da revista *Nature* e, nesse último número, a capa estampa, precisamente, uma pesquisa que foi feita por cientistas brasileiros, na área de biologia, e que mostra um avanço significativo em áreas muito especiais do DNA, do genoma, a capacidade que tiveram de, articulados eles próprios, também, em rede, realizar técnicas inovadoras e chegar a fazer aquilo que muito poucos países são capazes de fazer.

Da mesma maneira, temos acompanhado, não apenas nas ciências biológicas, mas em outros ramos do saber, avanços muito grandes. E esses avanços têm se transformado, também, em avanços no setor produtivo.

Convém fazer algumas reflexões sobre por que existe hoje, no Brasil, tanta concentração industrial. Possivelmente, no Hemisfério Sul,

talvez só o Brasil – quem sabe um pouco a Austrália – tenha conseguido um desenvolvimento científico e tecnológico, para embasar um desenvolvimento industrial.

Nos países que hoje se chamam de emergentes, economias emergentes, a China, a Índia e o Brasil são, notadamente, os países que têm a maior concentração, a maior densidade científico-tecnológica. E, não por acaso, também, são os países que permitem um desenvolvimento industrial de mais fôlego, de mais força. Estamos na vanguarda, em tecnologia de exploração de petróleo em águas profundas, por exemplo. Temos, e ainda hoje um dos nossos agraciados participou ativamente disso, nos distinguido na indústria aeronáutica. Temos feito satélites em cooperação com a China.

Enfim, mencionam-se, de passagem, apenas alguns exemplos do que tem sido feito. E isso se faz porque há uma retaguarda. Essa retaguarda, em geral, é anônima: são os pesquisadores, são os professores, são os trabalhadores de laboratório, são os administradores e são aqueles que tratam de criar condições para uma produção continuada, nesses campos.

O número de bolsas tem sido crescente. Não sei exatamente o número de bolsas, hoje, que é distribuído. Mas, se somarmos as bolsas que os órgãos estaduais e os órgãos federais oferecem, devemos estar por 60, 70 mil bolsas por ano, o que já é alguma coisa considerável.

Obviamente, nesses últimos cinquenta anos não foi possível ter um número tão elevado. Mas, ainda que fosse na média de 20 mil bolsas, seriam 1 milhão de bolsas, no decorrer de cinquenta anos. Se for preciso a gente cortar pela metade, são 500 mil bolsas.

Não por acaso, estamos produzindo, hoje, cerca de 4 mil doutores por ano, número que equívale ao número de doutores que a Itália forma. Pode-se dizer que a Itália tem um terço da população do Brasil. É verdade. Mas a Itália tem o dobro do PIB brasileiro também.

Conseguimos verificar agora, começamos a verificar que existe investimento também do setor privado no desenvolvimento científico e tecnológico. De modo que, no conjunto, o esforço que os senhores e as senhoras vêm fazendo tem sido muito grande.

Por isso mesmo, eu dizia, ao começar – e já vou encerrar, porque não quero cansá-los – que me apraz, hoje, poder estar aqui para impor essas medalhas, essas comendas àqueles que se têm distinguido – e os que ganharam o Prêmio Álvaro Alberto, em especial, em um momento em que, efetivamente, vamos dar mais passos adiante.

A formação desses fundos de apoio à pesquisa científica e tecnológica, graças à aprovação pelo Congresso Nacional de iniciativas que foram nossas, o empenho do Ministro, com o apoio também de todos os demais Ministros, notadamente os da Educação e da Casa Civil, e a participação ativa dos cientistas, inclusive da SBPC, permitiu que houvesse o desenho de um novo quadro, mais favorável às atividades científicas no Brasil.

Só em um dos fundos, que já está em funcionamento, que é o Fundo de Petróleo, o CTPetro, somando os dois últimos anos, este e o que já saiu, já são 250 milhões de reais para a pesquisa. Agora, temos mais uns quatro fundos, creio. E estamos preparando outros três mais. No conjunto, espero que, a partir do ano que vem, pelo menos na segunda metade do ano que vem, já tenhamos alguma coisa como uma soma equivalente a 1 bilhão de reais, 500 milhões de dólares adicionais. E friso: adicionais. Não é para substituir verbas do Orçamento. São adicionais, até porque, na verdade, existem mecanismos específicos de concessão desses recursos. Isso deve produzir, nos próximos dez anos, vinte anos, um grande desenvolvimento científico e tecnológico no Brasil.

E como não é possível demandar da universidade sem dar à universidade condições para que ela opere, 20% desses recursos irão para a infra-estrutura das faculdades, das universidades, porque elas têm a queixa legítima de que as bolsas, os projetos de pesquisa, os incentivos são dados aos pesquisadores, aos departamentos, mas não há recursos para a sua infra-estrutura. Então, agora, 20% desses recursos serão diretamente encaminhados à infra-estrutura das universidades.

Há, portanto, um quadro institucional novo. Nesse mesmo espírito desse quadro institucional novo – tenho conversado sempre com o Ministro Sardenberg –, vamos, agora, além de criar, colocar em prática esses fundos todos, vamos, agora, também, em homena-

gem ao cinquentenário do CNPq, produzir um Plano Nacional de Ciência e Tecnologia para a Inovação.

Acho que no mundo que está a nos desafiar, o século que vem é um século no qual os que não forem capazes de inovar terão pouca chance de estar incluídos nele. A inovação, hoje, vai ter – já tem e terá ainda mais – um papel decisivo. Já não contam tanto a mão-de-obra abundante, os recursos naturais e nem mesmo o capital, no sentido de puro capital financeiro. O que conta é a capacidade de inovar.

Evidentemente, sem mão-de-obra capacitada, sem recursos financeiros tampouco haverá a possibilidade de avanço. Mas o que é decisivo, o que está marcando a nossa sociedade é a capacidade de uma inovação contínua. Já estamos assistindo aos efeitos iniciais desse processo de inovação contínua, que está modificando a base tecnológica, não só da produção, mas da vida contemporânea. Uma transformação enorme, talvez que jamais tenha sido presenciada pelo ser humano. E não podemos entrar nesse próximo século, se não tivermos a audácia, também nós, de aceitar o desafio da inovação.

E, como a inovação, obviamente, depende da capacidade criadora, da imaginação – e nada substitui a capacidade criadora, a imaginação, a vocação e a dedicação do cientista – essa inovação, com essa qualidade básica, que é da pessoa, não se realiza sozinha, precisa de uma interação, precisa de instituições, precisa de apoio. Estamos nos preparando para dar esse apoio com mais vigor e com todo vigor de que seremos capazes.

Termino felicitando-os, muito especialmente aos que vão ganhar o Prêmio Álvaro Alberto e todos os demais que passam a participar dessa Ordem tão elegante, com essa faixa vermelha, que a mim não é dado usar, porque o Presidente da República não deve usar senão uma *boutonière*. Mas me sinto irmanado. Estou aqui vermelho de dentro para fora. É, realmente, uma grande satisfação poder mostrar ao País, com esse pequeno gesto de reconhecimento, o muito que os Senhores e as Senhoras têm feito pelo nosso progresso.

Muito obrigado.

